



GT 007. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Patrícia dos Santos Pinheiro (Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB) - Coordenador/a, Flávia Maria da Silva Rieth (DAA/ICH/UFPEL) - Coordenador/a, Cláudia Turra Magni (Universidade Federal de Pelotas) - Debatedor/a, Marília Floôr Kosby (Universit  de Liege) - Debatedor/a

O Grupo de trabalho Antropo ticas: outras (etno)grafias visa reunir pesquisadoras/es que realizem trabalhos voltados ao tensionamento e ? atualiza??o das formas de experimenta??o de linguagens e metalinguagens no desenvolvimento de processos e resultados de pesquisa em antropologia e ?reas afins. O mapeamento, a experimenta??o e a descoberta de alternativas e recursos criativos que bem se relacionem com a etnografia enquanto textualidade implicada em uma arte descritiva - tal como Tim Ingold prop?e que se pense a Antropologia ? s?o movimentos capazes de desestabilizar e promover a quebra de fronteiras entre ensino/pesquisa/extens?o, potencializando di?logos, interesses e desejos m?tuos entre conhecimentos acad?micos formais e conhecimentos populares anti-hegem?nicos. Assim, este Grupo de Trabalho pretende fomentar a discuss?o acerca de experimenta?es que aproximem a etnografia daquilo que a escritora brasileira Concei??o Evaristo chama de escreviv?ncias, o que nos reporta ? no??o de conhecimentos situados por corpos hist?rico-pol?ticos (Haraway, 1988). No sentido de levar a s?rio a atitude epistemol?gica de se ver a cultura como criactivity (Wagner, 1975), s?o aliados o teatro, a poesia, o desenho, o cinema e tantas outras performances cuja legitima??o, enquanto metodologias potentes para a produ??o de conhecimento na ?rea de Antropologia, ainda tem muito a ser reivindicada.

Ribeirinhos do Rio Marina  - Construindo Histórias Visuais na Comunidade São Sebastião

Autoria: S lvia Helena dos Santos Cardoso

Ribeirinhos do Rio Marina  formam a Comunidade de São Sebastião com aproximadamente cem pessoas entre adultos, adolescentes e crianças residentes nas margens do rio e de igarapés. O Marina  é um afluente do rio Anap  que banha a cidade de Portel entre outras pertencentes ao Arquipélago do Maraj  e localiza-se no interior da FLONA de Caxiuanã (a morada das cobras) no Estado do Pará. Entre muitas comunidades, os Ribeirinhos do Marina  tem a floresta como espaço provedor da cultura alimentar: o a a , o peixe, a mandioca e a caça de animais silvestres. Os ribeirinhos fazem parte do conceito defendido na Antropologia Brasileira por ?povos da floresta?, tocando na c ebre obra ?Enciclopédia da Floresta: o Alto Juruá? (2002). Nesta comunidade, existe uma vila central, onde se encontram: uma escola de ensino fundamental, uma igreja católica, uma casa refeitório secretaria e um galpão de reuniões e festas. No ano de 2018, a escola passou a fazer parte de um projeto educacional de responsabilidade do Museu Paraense Emílio Goeldi que também responde pela Esta o Científica Ferreira Penna, desta forma várias oficinas culturais são ministradas, e entre elas a de Audiovisual. O assunto norteador dos experimentos foi: as histórias de cada um. Argumentamos que todos têm histórias, reais ou imaginárias, e estas histórias seriam filmadas com os dispositivos móveis, câmeras compactas e profissionais. À luz do cineasta documentarista Eduardo Coutinho, um cenário natural foi escolhido, os equipamentos foram posicionados e os adolescentes passaram a desempenhar várias fun es, desde câmera fixa para o registro dos depoimentos, os celulares nos paus de ?self?, a dire o do ?entrevistado?, bem como o cuidado com o ?fazer silêncio? necessário para gravar a fala dos colegas. Impressionante verificar como todos respeitaram a ideia do ?fazer cinema? a partir das próprias histórias de vida, da privacidade como fio condutor de um ensino/aprendizagem em audiovisual. A câmera se impôs como um instrumento que capta a ?alma?, uma ideia bastante difundida desde os primeiros filmes



documentários, evocando Dziga Vertov; em consonância os alunos começaram a narrar, a entregar suas vidas diante da câmera como se ela fosse um confessor, muitos se emocionaram e os olhos marejados anunciavam uma história triste, uma história de protagonistas familiares e aparentados. Fascinante notar o monólogo estabelecido por cada um deles e provocado por um equipamento de registro de imagem e som. As histórias narradas e filmadas são o cerne deste work e fomentam essas ?outras etnografias? construídas por todos: os propositores e os protagonistas. O Marinaú revela as suas faces em cada curva do rio onde se encontra uma casa palafita, um ?casco? ancorado, uma canoa de rabeta.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

